

Professora Daisy Alves Juy

EMPG Paulo Freire – Itanhangá/MT

Título

Projeto Carrinhos de rolimã: herança dos nossos pais!

Resumo

Resgatar um brinquedo de infância como o carrinho de rolimã com a turma de 3º ano A da Escola Municipal Paulo Freire partindo de uma expedição investigativa entrevistando pessoas nas ruas proporcionou movimentar toda a comunidade escolar.

Refletir sobre a relação entre pais e filhos numa época em que a mídia digital está presente, fazendo com que as famílias pudessem ter seu momento juntos e assim construindo um brinquedo e ainda aprendendo além da Língua Portuguesa com ele. Foi o que aconteceu com esta turminha de alunos de oito e nove anos. Visitaram oficinas, conheceram onde eram encontrados rolamentos e o que era necessário para se fazer um carrinho divertido e o melhor de tudo: econômico e com materiais que tinham em casa. Aprenderam regras de trânsito e produções orais e escritas através de cartas e ofícios às autoridades para assim organizar coletivamente a I Corrida de Carrinhos de Rolimã de Itanhangá – MT.

O envolvimento, o aprendizado e o estímulo com que cada família fez seu carrinho de rolimã proporcionou com que a culminância do projeto fosse um sucesso total. A criatividade e o empreendedorismo em cada ação desenvolvida fizeram com que a turminha aparecesse na TV e também nos rádios apresentando o que aprenderam e o que esperam das crianças daqui para frente.

Planejamento

Para escolher o tema de nosso projeto no início do 2º bimestre letivo de 2017, partimos de uma expedição investigativa, que é um recurso metodológico que investiga as possibilidades de aprendizagens de crianças e adolescentes nos diferentes territórios vividos (famílias, escolas, comunidade) diante do universo de crianças e adolescentes. Sendo assim, entende-se que nas práticas educativas os objetos da aprendizagem estão postos nos acontecimentos da vida. O conteúdo da aprendizagem não é estabelecido previamente. E foi assim que aconteceu. Como retrata Miguel Arroyo, ao valorizar as experimentações que têm diversificado os modos de convivência nos ambientes educacionais, as crianças podem re(conhecer) melhor o entorno da escola através da realização de entrevistas e registros fotográficos partindo de uma pergunta que lhes traga interesse nas respostas.

Com este intuito saímos para descobrir e entrevistar pessoas: Quais eram as brincadeiras que o senhor ou senhora realizavam em sua infância? Partindo do pressuposto que a brincadeira deve fazer parte do aprendizado das crianças trazendo sentido para o mesmo. Esse foi o ponto de partida, mas após a roda de conversa, surgiu então o tema carrinhos de rolimã: sendo o assunto que mais despertou curiosidade das crianças em saber mais.

A princípio me senti um pouco perdida em como trabalhar este tema e onde conseguiria encaixá-lo em nossa proposta curricular. Não foi muito fácil, pois muita pesquisa teve que ser feita em

internet e entrevistas em casa, nas famílias e em torno da comunidade. O objetivo do projeto ia aos poucos ficando claro: resgatar, através de um brinquedo simples e barato, a interação entre pais e filhos (hoje já um pouco deixada de lado devido ao acúmulo de tarefas). As possibilidades de envolver as famílias neste projeto eram enormes, mas ao mesmo tempo desafiadoras; sabemos que alguns pais e mães acabavam se afastando um pouco da escola devido a seus afazeres, e estava aí uma grande oportunidade destes pais dos meus alunos em poder construir este brinquedo que fez parte de sua infância. Encontros com as famílias foram realizados para estimular este contato pais e filhos e também apresentando a eles o que de aprendizado as crianças teriam com o projeto.

Em meio à angústia de alguns alunos em saber se o pai (geralmente é o menino que construía seu carrinho) faria ou não um carrinho, permeavam as discussões em sala. Mas aos poucos eis que começaram a surgir os primeiros carrinhos.

Diagnóstico

A Escola Municipal Paulo Freire fica localizada na rua Santo Antônio no centro do município de Itanhangá – MT. É o maior assentamento da América Latina. Nosso município é essencialmente agrícola e possui cerca de 7500 habitantes, emancipado no ano 2000, e está na sua quarta gestão administrativa.

A escola foi criada no dia 23 de março de 1998, conta com muitos recursos tecnológicos e possui boa estrutura organizacional e administrativa. Os professores são em sua grande maioria pós-graduados, sendo quase que a metade deles efetivos. A turma do 3º ano A é formada por 24 alunos, entre eles um aluno com necessidades especiais, que frequenta duas vezes por semana a escola devido a sua limitação. 50% da turma são alunos que vêm da zona rural e os demais são alunos que residem na sede do município. Não temos problemas de aprendizado nesta turma, são bem falantes e argumentadores, gostam muito de atividades em duplas e trios de aprendizagem, que foi uma prática adotada desde o início do ano letivo e que está contribuindo muito para essa constante troca de ideias entre eles.

Para chegar ao tema do projeto, realizamos a expedição investigativa, e a expectativa das entrevistas nas ruas girava em torno de conhecermos brincadeiras antigas e como eram realizadas, para assim entendermos como eram esses costumes e o que mudou para os dias de hoje. Ansiosos, cada aluno com seu caderno e seu celular registravam as informações coletadas e fotografavam o que encontravam de interessante pelo caminho. Percorremos algumas ruas em torno da escola e, ao entrevistarmos as pessoas, a grande maioria destacava que brincava de bonecas feitas de milho, carrinho de rolimã, casinha, jogos de bets, futebol, entre outras brincadeiras antigas. No trajeto, encontramos um besouro gigante, técnicos realizando a manutenção da rede elétrica e até uma vendedora de caldo de cana. Os alunos estavam envolvidos nesta pesquisa e ficavam chateados quando alguém não queria ser entrevistado (o que foi a minoria de pessoas).

Tudo registrado e fotografado, ao retornar à sala de aula realizamos o levantamento de tudo o que foi encontrado. Eu registrava no quadro o que eles, um a um, iam dizendo, o que tinha chamado mais sua atenção neste percurso, ao mesmo tempo em que as fotos tiradas já iam sendo apresentadas, enquanto que outra aluna registrava no caderno portfólio da sala. Em formato de círculo, os alunos também fizeram o desenho do percurso realizado e nele desenharam o que mais tinha chamado a atenção. No dia seguinte fizemos uma votação em que

apresentei em um cartaz todos os temas que tinham sido falados por eles, e cada um agora teria que votar em um tema que gostaria de saber mais sobre. E então o tema carrinho de rolimã foi o mais votado, pois queriam saber como era esse carrinho que nunca tinham ouvido falar e como que funcionava: “Será que tinha que empurrar? Ele andava sozinho? Ou tinha motor?”, curiosidades de uma geração eletrônica. Quantas curiosidades os inquietavam. Como complementação, levaram para casa uma entrevista de final de semana onde teriam que perguntar aos familiares e vizinhos quem conhecia um carrinho de rolimã e se já haviam brincado com algum.

Assim, no retorno à sala de aula, fizemos uma listagem dos resultados e elaboramos um gráfico com os informes, onde foi percebido que a grande maioria, sim, conhecia e já tinha brincado com carrinho de rolimã. Entre as respostas que iam citando, cada criança contava uma experiência que seus pais tinham com os carrinhos de rolimã, o que aumentava ainda mais a curiosidade deles. Com a descrição que tinham ouvido dos entrevistados, pedi a eles que modelassem, com massinhas, como imaginavam um carrinho de rolimã. Durante a aula, vários comentários surgiam: “Eu acho que não era assim o carrinho do meu pai...”, “Ei, esse seu carrinho está parecendo mais um carrinho de formula 1”, e assim pude ir registrando as dúvidas que iam surgindo e quais conteúdos poderiam ser trabalhados. “Será que meu pai tinha um carrinho de rolimã?”, dizia Gustavo, “Eu não quero saber de carrinhos, isso é coisa de menino!”, argumentava Alice.

Desenvolvimento

Carrinhos de Rolimã: herança dos nossos pais! foi o nome escolhido também em uma roda de conversa com votação de vários títulos sugeridos por eles. Iniciamos o projeto a partir da expedição investigativa no dia 22 de maio de 2017, e, após o percurso de analisar o que os alunos já sabiam sobre o tema e o que queriam saber mais, fomos partindo para as pesquisas de campo, em que fomos a oficinas mecânicas observar onde encontrávamos rolamentos em máquinas e carros e também partimos para a pesquisa de preços dos rolamentos e seus diversos tipos existentes.

Através de vídeos, os alunos puderam conhecer o que era um rolamento e que ele estava presente em tudo que os rodeava, seja no ventilador da sala através da sua hélice, seja na roda da bicicleta e até mesmo em um liquidificador. “Ou seja, professora, tudo que tem um eixo e roda tem rolamentos!!”, apontou Marcos.

As diversas áreas de conhecimento foram sendo contempladas como a área de Linguagem, em que a produção de textos realizada em seus portfólios registrava o que iam aprendendo e o desenvolvimento de todas as atividades e pesquisas. Através do estudo de diversos gêneros, como listas de itens para a fabricação do carrinho de rolimã, pesquisas em casa, com vizinhos e familiares que em sua infância confeccionaram os carrinhos, produção de cartazes, convites, ofícios, e-mails.

Desenvolvemos atividades com o sistema monetário e o valor que custaria cada rolamento se fosse comprado novo, bem como o preço da madeira para ser feito um carrinho, quantos parafusos e pregos seriam necessários, cálculos e resolução de problemas envolvendo as quatro operações fundamentais, uso de tabelas e gráficos analisando preços e tamanhos diferentes de rolamentos, parafusos e pregos. Valores e diferentes tipos de madeira para serem confeccionados os carrinhos.

À medida que descobríamos as respostas das pesquisas, novos conhecimentos, dúvidas e ideias iam surgindo. Como, por exemplo, por meio do brinquedo do momento, o *hand spinner* (girador de mão), pudemos iniciar o aprendizado da Língua Inglesa, que não estava no planejamento inicial, porém, como este brinquedo é confeccionado com rolamentos que giram entre si dando o movimento de rotor, pudemos construir um *hand spinner* da tabuada, em que, ao girar o brinquedo, quando ele parava de girar, apontava para dois números que deveriam ter a multiplicação respondida. Através das figuras geométricas, utilizadas na fabricação de carrinhos, iniciamos os estudos com o Tangram.

Ao identificar suas peças, aprenderam a nomeá-las em inglês e também a utilizar as peças que o compõem para montar um carrinho de rolimã na forma plana. Estávamos já nos aproximando das férias escolares e percebendo que muitos pais, a pedido dos seus filhos, começaram a construir os carrinhos, pensei, então, em convidar as famílias para virem à escola para um encontro em que explicaria o objetivo do projeto e também iria propor uma finalização bem interessante se todos concordassem. Semanas antes desse encontro, vale ressaltar que dois alunos já haviam trazido para a escola os carrinhos que seus pais tinham construído e isso foi movimentando a sala, por isso o intuito de convidar os pais para esse momento da família. Fiquei muito feliz com a grande participação que tivemos.

Iniciei apresentando um vídeo que mostrava um pai falando da importância de tirar um tempo para se dedicar aos filhos, que crescem tão rápido, e assim a inquietude dos pais e mães na reunião e as lágrimas já iam brotando. Então apresentei a ideia do projeto com o tema escolhido por eles que era o carrinho de rolimã e como tudo surgiu. A partir daí propus que todos que pudessem fizessem um carrinho para seu filho ou filha, pois até as meninas já estavam imaginando como poderia ser o carrinho delas. Para grande satisfação, todos concordaram, um pai até argumentou que não tinha tempo para fazer carrinho, pois era muito ocupado, e se eu já havia pesquisado o preço de um carrinho pronto. Foi então que falei ao pai que assim eu não estaria atingindo o objetivo do projeto, que era o de envolver e motivar a família a construir o carrinho juntos, todos envolvidos nesse processo, que a princípio parecia ser uma coisa simples, um mero brinquedo, mas que o aprendizado que eles estariam obtendo tanto dentro quanto fora da escola seria de grande valia.

Apresentei também aos pais dois vídeos que mostravam corridas de carrinhos de rolimã: um vídeo do maior carrinho de rolimã do Brasil e outro vídeo de como se construir um carrinho de rolimã com o passo a passo. Foi então que surgiu a ideia de realizarmos uma corrida de carrinhos de rolimã em nosso município. Todos aprovaram a ideia e o carrinho poderia ser criado da forma e do modelo que a família quisesse. Então marcamos um outro encontro para acertar os detalhes. As crianças no dia seguinte ficaram totalmente empolgadas e a animação tomou conta da sala.

A partir daí cada dia surgia na escola um pai muito orgulhoso que trazia para a escola um carrinho que juntos haviam construído. Era maravilhoso ver no rostinho de pai e filho, ou pai e filha a alegria de mostrar um trabalho feito com tanto capricho. Ao longo dos dias, estudamos obras de Ivan Cruz, famoso pintor que retrata as antigas brincadeiras de crianças e em uma delas está retratada três crianças descendo uma ladeira em um carrinho de rolimã.

Trabalhamos essa imagem transformando-a em um mosaico colorido. Os alunos ampliaram seu repertório de gêneros textuais com a leitura e interpretação de historinhas da Turma da Mônica

em que uma delas os personagens constroem um carrinho e levam os demais para um passeio cheio de aventuras e confusão.

Avançamos então para a o aprendizado das placas de trânsito e os cuidados que devemos ter para brincar com segurança com o carrinho nas ruas da cidade. Para isso contamos com a palestra do presidente da Câmara de Vereadores Eleandro, que também é diretor da autoescola da cidade. Ele complementou as orientações à sinalização e respondeu a uma série de perguntas elaboradas previamente pela turma. Logo após ele foi conhecer o box (sala de aula vazia onde estavam sendo guardados os carrinhos de rolimã) e também já ficou maravilhado com a criatividade dos pais com os carrinhos desenvolvidos.

Para acompanhar melhor o processo de desenvolvimento e envolvimento das famílias, construí, com a ajuda do esposo, cinco mini carrinhos de rolimã, em que o objetivo era a criança levar a abelhinha símbolo de cooperação em uma colmeia, para que ela pudesse, junto à criança e sua família, registrar no portfolio individual como foi toda a construção do seu carrinho. Todas as crianças levaram a abelhinha para casa e no outro dia contavam para os colegas o que tinham feito com ela e o que o pai ou a mãe havia registrado no portfólio. Entre esse tempo realizamos mais um encontro com as famílias da turma para alinharmos a organização da nossa corrida que tinha ficado para dia 20 de agosto de 2017. Os pais estavam bem animados e deram a sugestão de divulgarmos a corrida para que mais pais e filhos pudessem participar, mas que não houvesse competição e sim que fosse um momento de união em família e de diversão. Conversamos sobre qual rua deveríamos pedir autorização para o fechamento e também os cuidados necessários a se tomar.

Organizados os detalhes, com os alunos confeccionamos em grupo cartazes de divulgação nos comércios e locais públicos. Aprenderam como produzir um cartaz legível, com margens e sem erros de ortografia, pois várias pessoas estariam lendo e fazendo nossa divulgação. Este trabalho em grupo foi muito produtivo, pois se empenharam em fazer bonito já que todos iriam ver. No dia seguinte saímos por algumas ruas com os cartazes em mãos e já divididos em quem seria o porta-voz em cada comércio para pedir a licença para entrar e colar um cartaz. Mas saímos neste percurso com um carrinho de rolimã junto para fazer barulho na rua e assim chamar mais a atenção de todos por onde passavam. Chegou a vez de convidar os colegas da escola, então, divididos em grupos, saíram nas salas com convitinhos menores e convidando a todos para participar.

Logo fomos convidados para fazer a divulgação na Rádio Local, em um programa dominical, e foram eleitos pela sala três alunos que se expressavam bem e junto a professora e coordenadora foram até a rádio. Os alunos falaram muito bem e explicaram como os pais haviam feito o carrinho e também como tinha surgido essa ideia. A ideia de corrida gerava entre outras pessoas a ideia de competição, a qual não foi o nosso foco. E isso foi muito bem explicado pela aluna Rafaela em sua entrevista na rádio e também já aproveitou e falou para as outras crianças que criança tem que sair da frente do celular e ir brincar e se ralar também. Nesse momento nosso projeto já estava alçando voos maiores, quando fomos informados que a rede de TV da cidade vizinha viria registrar esse momento da I Corrida de Carrinhos de Rolimã de Itanhangá, mas para isso acontecer os alunos deveriam encaminhar uma cartinha solicitando a vinda da equipe de reportagem. E foi o que fizemos coletivamente, através do *data show* os alunos iam ditando enquanto outro aluno ia digitando e assim todos acompanhavam o que estava sendo escrito.

No laboratório de informática foi aprendido como redigir um convite formal para encaminhar ao prefeito e ao presidente da Câmara de Vereadores. Feitos e impressos dois convites, fomos até o gabinete do prefeito e entregamos. O presidente da Câmara recebeu na sala quando foi fazer a palestra. Elaboramos um ofício junto à gestora da escola para encaminharmos ao Departamento Policial solicitando o fechamento da rua onde fizemos a corrida. Os policiais ficaram muito contentes em receber os alunos, até recebendo-os para uma partida de pebolim. Reforçaram também os cuidados que deveriam ter com equipamentos ou proteção de segurança para brincar sem se machucarem muito, mas que o importante era brincar. Realizamos o registro de acrósticos com as palavras carrinho de rolimã e também os alunos criaram histórias em quadrinhos e outras produções individuais e coletivas com os temas segurança no trânsito, família, passo a passo para a construção de um carrinho e muito mais.

Como não gerava competição nossa corrida, sentimos na cidade um grande movimento nas marcenarias e nas oficinas onde as pessoas estavam envolvidas em construir carrinhos para os filhos, netos e sobrinhos. Foi então que também saímos em busca de patrocínios para a aquisição de medalhas para todos as pessoas que tivessem carrinhos e fossem brincar na rua com a turma e suas famílias. Fizemos então uma corrida teste em frente à escola para motivar ainda mais as outras crianças a brincarem de carrinho de rolimã. Os professores levaram seus alunos e quem quis pode escolher e andar em um carrinho. Muita emoção foi quando conseguimos colocar em um carrinho o nosso coleguinha especial em um dos carrinhos. Todas as crianças ficaram emocionadas em vê-lo e puderam proporcionar pelo menos mais um pouquinho de alegria para ele. Chegando o grande dia cada pai e seu filho ou filha trouxe seu carrinho conforme suas condições e criatividade que tiveram, alguns fizeram bandeiras, coloriram, tinha carrinho até com guidão de bicicleta, carrinho com bagageiro para levar o irmãozinho, carrinhos simples e carrinhos mais incrementados, mas o mais importante: nenhum carrinho da turma havia sido comprado pelos pais, foram confeccionados por eles e este sentimento não teve preço.

A corrida foi muito divertida entre tombos e raladas em joelhos, pernas, braços e mãos. Pais empurravam os filhos já que não temos ladeiras ou grandes descidas por ser uma cidade plana, mas teve o momento de os filhos empurrarem os pais, pais que empurravam as mães e todos que trouxeram seus carrinhos puderam brincar com segurança. Ao final cada um recebeu uma medalha de participação e a culminância do projeto acabou se tornando um grande evento na cidade, movimentando centenas de pessoas que vieram assistir e tomar seu terere ou seu chimarrão. Víamos avós e avôs contentes em ver um brinquedo antigo sendo resgatado e melhor ainda: alegria de ouvir muitos elogios dos pais dos alunos e da comunidade.

Avaliação

Aprendizagem

Realizar uma avaliação deste projeto desenvolvido me fez pensar no que precisa ser revisto para o próximo projeto e o que deu ou não deu certo neste. À medida que o projeto ia sendo desenvolvido, via que novas atividades poderiam ser feitas, chegava a certos momentos também em que percebi que os trabalhos por duplas de aprendizagem já estavam se tornando cansativos, então tive que começar a deixá-los se unir por duplas ou trios de amizade em que fluía melhor a ajuda entre si.

Percebi que numa concepção pedagógica como a que foi desenvolvida em que as situações de vivência e de experiência foram muito mais presentes, o ato de avaliar girava em torno dos debates e discussões orais e também nas produções escritas nos portfólios e nos cadernos de sala. O conteúdo matemático avaliado através de atividades escritas e orais vinha enriquecendo o aprendizado. As vivências trazidas de casa contribuíam a cada dia mais, pois os alunos já eram muito dinâmicos e ativos e, a partir do projeto, tornaram-se ainda mais, já que o conhecimento que estavam trazendo partia do seu interesse. Eles buscavam formas de aprender e iam construindo seu próprio saber ao analisar em cada carrinho novo que chegava o que tinha de diferente do seu e o que podia ou não dar certo nele.

Os conhecimentos de Língua Inglesa vejo que devem ser mais aprofundados no decorrer do ano ainda em sequência, pois o projeto não termina com a corrida se damos continuidade a um trabalho que continua despertando o interesse dos alunos, pois eles tomaram consciência também dos seus avanços e dificuldades, principalmente no início do projeto, onde iam chegando os carrinhos e que as vezes aparecia um carrinho que era parecido com o seu. O sentimento de ciúme aparecia e aos poucos foi sendo superado, mas não ainda por todos.

A relação professora e alunos melhorou muito, pois o sentimento de afetividade com eles ficou ainda maior, pois estávamos trocando mensagens por aplicativos com as fotos à medida que cada ação ia sendo desenvolvida em casa.

Os conhecimentos prévios que os alunos tinham e os novos conhecimentos adquiridos eram compartilhados entre as outras turmas da escola, pois apresentaram fotos dos momentos marcantes, jogos confeccionados, cartazes, listas e tabelas foram apresentadas às outras turmas. Mas ainda é necessário termos mais momentos para explorarmos mais o conhecimento adquirido.

Gostaria de ter trabalhado mais a malha quadriculada, que é utilizada na bandeira da largada da corrida, pois o trabalho com sequência de cores alternadas é estimulante para a memória e percebi que deve ser retomada. Assim como a resolução de situações problemas envolvendo os conceitos de divisão, deverei explorar mais e aprofundar a multiplicação.

Neste sentido, a avaliação foi integral considerando o aluno como um todo e não de uma forma fragmentada. A construção do conhecimento que obtiveram foi vinculada a história de vida do aluno e conseqüentemente à prática que foi desenvolvida. Isso foi possível observar através dos portfólios que cada um tinha e onde registravam seu aprendizado e o que de mais interessante estavam aprendendo a cada novo passo.

Os alunos se sentiam estimulados a cada dia, pois viam que por toda a escola eram chamados da turma do carrinho de rolimã e demonstravam total conhecimento quando, ao chegar uma visita na sala para conhecer mais sobre o projeto, todos queriam falar e expor o que tinham aprendido. Quais eram as normas de segurança e até mesmo a maneira de cumprimentar as pessoas que chegavam à sala mudou, pois agora cumprimentam a todos com o *Welcome to classroom*, e antes diziam "Sejam bem vindos a nossa sala!".

O trabalho tornou-se produtivo pois eles sabiam cada passo que íamos dar, pois tudo era planejado no calendário e percebiam a proposta que tinha para com cada ação. Os resultados que tínhamos estávamos constantemente divulgando e assim a comunidade escolar estava por dentro de todas as ações.

Acredito que me tornei uma professora motivadora e mediadora dos conhecimentos, pois foi criada uma situação provocante e desafiadora que alcançou as metas desejadas de aprendizado e alavancou outras possibilidades ainda maiores, até mesmo da nossa pequena corrida de carrinhos de rolimã acabar se tornando um evento para o calendário de eventos municipal.

Ensinar não é transmitir dogmaticamente conhecimentos, mas dirigir e incentivar com habilidade e método a atividade espontânea e criadora do educando. Nessas condições, o ensino compreende todas as operações e processos que favorecem e estimulam o curso vivo e dinâmico da aprendizagem (SANTOS, 1961).

Reflexão

O desenvolvimento deste projeto mostra o quanto é importante o professor sair de dentro da sala de aula e explorar o território em volta da escola, conhecer e reconhecer a comunidade.

Por isso vejo que este projeto, sim, pode ser replicado por outros professores que queiram envolver com êxito a família e a escola, necessitando de conhecimento do entorno da comunidade de aprendizagem que é extremamente rica em vivências e conteúdos que possam ser explorados. A dificuldade maior é envolver os pais, mas com muita afetividade e atividades bem elaboradas é possível realizá-la sim.

O maior aprendizado que os alunos obtiveram foi o saber que não é necessário se chegar sempre em primeiro lugar, porque o mais importante foi ter a emoção e a alegria da participação das famílias em todas as atividades.